

+

DOMINGO DA TIROFAGIA
Sinaxário

Neste dia fazemos memória de Adão, nosso primeiro Pai, expulso do Paraíso de delícias.

*Com Adão e Eva amargamente caídos
chora o gênero humano o seu Paraíso perdido.*

Esta memória, nossos santos Pais colocaram imediatamente antes da Quaresma, como para nos mostrar pelos fatos o quanto do remédio do jejum é útil a natureza humana e quanto é lastimável o que vem da saciedade e da desobediência. Apesar de omitindo os prejuízos infinitos causados ao mundo em consequência da sua faltas os santos Pais quiseram apresentar Adão, o primeiro homem, nos mostrando claramente o mal sofrido por ele por não haver podido se abster de um pouco de alimento e, com isso, introduzindo-o igualmente em nossa natureza, e assim a legitimidade do jejum, esse primeiro mandamento de Deus entre os homens.

Não tendo observado, ou antes, tendo cedido ao seu ventre, por intermediação de Eva e da serpente enganadora, ele não somente não se tornou Deus, mas ainda foi lançado à morte, morte que ele transmitiu como um mal a todo gênero humano. Foi devido então a glotonaria do primeiro Adão que o Senhor jejuou quarenta dias e mostrou-Se obediente. É por isso que a presente quaresma foi concebida pelos santos Apóstolos, para que observando o que Adão não observou nós saboreemos, pelo jejum, a imortalidade que ele mesmo perdeu. Além do mais, como já havemos dito, o objetivo dos Santos, foi o de abraçar num curto tempo, as obras divinas desde o começo até o fim. Pois que a responsabilidade recai igualmente sobre todos nós, a transgressão de Adão e sua queda do Paraíso de delícias, por esta razão os Pais propuseram que fazendo memória, nós fujamos de seu exemplo em lugar de imitar a intemperança.

Ao sexto dia, Adão foi então formado pelas mãos de Deus, honrado com o sopro da Sua imagem e semelhança e, recebendo imediatamente seu mandamento, ele permanece por seis horas no Paraíso; depois tendo transgredido o mandamento, ele foi expulso. O hebreu Fílon diz que Adão teria passado cem anos no Paraíso; outros falam sete dias ou anos, por causa do valor desse número. Mas, que a sexta hora ele estendeu as mãos e tomou do fruto, nos revelou o próprio Cristo, o novo Adão, que, ao sexto dia e à sexta hora estendia Suas mãos sobre a Cruz para reparar sua perda. Adão foi criado a meio caminho entre a corrupção e a incorruptibilidade, a fim de que, para qualquer lado que pendesse por sua escolha, lhe fosse concedido. Porque era igualmente possível para Deus de o criar imortal; mas para que fosse justificado por sua escolha, Ele lhe dá como lei tocar em todas as árvores, mas não aquela; quer dizer, provavelmente: ter o conhecimento de todas as criaturas do poder divino, mas em nenhum caso aquele que se refere à natureza de Deus. Gregório, o Teólogo, pensando filosoficamente que as árvores são os conhecimentos divinos, enquanto que a árvore representa a contemplação, diz: Deus ordenou a Adão para se interessar por todos os outros princípios e todas as outras qualidades, de nisso aplicar o seu espírito e de render glória a Deus, porque é lá que residem as verdadeiras delícias. Provavelmente teria ele pedido de investigar também sobre sua própria natureza, mas sobre o que é de Deus não procurar saber o que Ele é por natureza, nem da onde nem como Ele tirou o universo do nada. Mas ele, abandonando as outras investigações, se põem antes a sondar o que concerne a Deus e a perscrutar cuidadosamente a Sua natureza; mas, como ele era, de certa maneira, uma criança, um debutante, todo inexperiente, ele cai quando Satan lhe sugere, por intermédio de Eva, a ideia de deificação. O grande e divino Chrisóstomo diz que esta árvore tinha um duplo poder e ele afirma que o Paraíso era sobre a terra; filosoficamente, ele o imagina por sua vez intelectual e sensível, como era Adão, e o lugar "ao meio" entre a corrupção e a incorruptibilidade, para salvaguardar a Escritura, mas sem a ter ao pé da letra. Alguns dizem que a árvore da desobediência era uma figueira porque, descobrindo sua nudez,

eles imediatamente cobriram-se, servindo-se de suas folhas. Esta é a razão pela qual Cristo teria amaldiçoado a figueira, como se ela fosse a causa da transgressão. Pois ela tem uma certa semelhança com o pecado: de início a doçura do fruto, em seguida a aspereza de suas folhas, e enfim o visgo que provém do seu leite. Mas, verdadeiramente, o que se compreende é de uma forma pouco conveniente sobre a árvore, a conversa entre Adão e Eva e o seu "conhecimento".

Então, após haver transgredido e revestido a carne mortal, após ser objeto de maldição, ele foi expulso do Paraíso cuja porta, sob a ordem de Deus, foi guardada por uma espada flamejante. Diante desta porta, Adão senta-se e chora todos os bens dos quais estaria privado por não haver jejuado em tempo oportuno e ainda o fato de que todo o gênero humano por causa dele devia partilhar a mesma condição até que nosso Criador, tendo piedade de nossa natureza deteriorada por Satan, nascesse da Virgem santa e vivesse Sua admirável vida, nos mostrando o caminho pelo qual se opõem-se ao demônio, à saber o jejum e a humildade, e que, triunfando sobre aquele que pela astúcia nos seduziu, Ele reconduziu a nossa natureza a sua antiga dignidade.

Tudo isso, os Padres theóforos quiseram então tornar presente através de todo o Triódio, e eles colocaram em primeiro lugar o Antigo Testamento: de início a criação, depois a queda de Adão, a qual nós fazemos memória presentemente, depois todo o resto, através dos escritos de Moisés e dos Profetas, mais ainda com os salmos de Davi, aos quais se ajunta, todo ao longo, as Escritura da Graça. Seguem assim, na ordem, os acontecimentos da Nova Aliança, dos quais o primeiro é a Anunciação que, segundo a inefável economia de Deus, encontra quase sempre lugar durante a santa Quaresma, veem em seguida Lázaro e os Ramos, a santa e grande Semana, a leitura dos santos Evangelhos e os hinos que cantam em detalhes os santos e salutares Sofrimentos do Cristo; depois a Ressurreição e o resto, até a descida do Espírito, enquanto os Atos dos Apóstolos expõem como sobreveio a pregação e como ela reuniu todos os Santos; pois os Atos confirmam a Ressurreição, através dos milagres.

Nós sofremos de tais males pelo fato de que Adão, uma única vez, não pode jejuar, eis porque se faz memória presentemente, à entrada da santa Quaresma, afim que, nos lembremos de todo mal que se introduziu pelo fato de não se jejuar, nós então nos apressemos em acolher o jejum com alegria e de o observar. Então o que Adão não pode atingir, à saber a divinização, nós a obteremos, nós, pela Quaresma, chorando, jejuando e nos humilhando, até que Deus venha nos visitar, porque sem isso, não é fácil de reencontrar o que temos como perdido.

É preciso saber por outro lado que a santa e grande Quaresma é o dízimo de todo o ano: porque, de fato, por preguiça nós muitas vezes não queremos jejuar e nos abster do mal, então é como uma colheita das almas que os Apóstolos e os santos Padres nos confiaram. Desta forma, todo mal que fizemos no decorrer do ano, nós o rejeitamos agora na contrição e nos humilhando nesta Quaresma que nós devemos prioritariamente observar de forma mais precisa. Porque os divinos Pais nos transmitiram igualmente três outros jejuns: o dos santos Apóstolos, o da Mãe de Deus e a quaresma do Natal, o que fazem quatro, um para cada estação do ano. Mas a grande Quaresma nós a estimamos privilegiadamente, por causa da Paixão, ou porque é aquela que o próprio Cristo observou, dando-lhe uma certa glória, ou bem porque Moisés recebeu a Lei após haver jejuado quarenta dias; pensemos também em Elias, em Daniel e em todos aqueles que passaram provas junto de Deus. E a pertinência do jejum, Adão o demonstrou pelo seu contrário. É então por esta razão que os santos Padres quiseram lembrar aqui o exílio de Adão.